

ALTERAÇÕES NA POLÍTICA EXTERNA DA ARÁBIA SAUDITA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MODELO DE HERMANN

Changes in Saudi Arabia's Foreign Policy: an analysis under the Hermann's

Bruno Hendler¹

Felipe Porta²

¹Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **E-mail:** bruno_hendler@hotmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0896-611X>

²Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **E-mail:** felipeportaa16@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-3062-3992>.

Recebido em: 24 abr. 2021 | Aceito em: 30 set. 2021.

RESUMO

O presente artigo busca analisar quais foram os graus de mudança percebidos na política externa da Arábia Saudita nas suas relações com China e Estados Unidos. Para a realização desta análise, utilizamos os conceitos cunhados por Charles Hermann (1990), que explicam as alterações em política externa de um país a partir de quatro graus de mudança e quatro fontes geradoras destas mudanças. Não obstante, a utilização de livros, artigos, notícias e documentos oficiais dos governos foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Assim, argumentamos que há um gradual deslocamento dos Estados Unidos para a China como parceiro prioritário do referido país a partir de 2010, tendência esta acelerada pelos choques externos, como a Primavera Árabe, a queda nos preços internacionais do petróleo e o afastamento dos Estados Unidos do Oriente Médio, e pela ascensão de Mohammed bin Salman ao poder executivo do Reino. Tal deslocamento está associado ao aumento na intensidade e à alteração dos meios pelos quais o país se relaciona com a China. Entretanto, reforçamos que esta tendência não significa um abandono, pela Arábia Saudita, de sua histórica relação com os Estados Unidos.

Palavras-chave: Arábia Saudita; Política Externa; Hermann.

ABSTRACT

The aim of this research is to analyze the levels of changes identified in Saudi Arabia's foreign policy in its relations with China and the United States. To carry out this analysis, we used the concepts formulated by Charles Hermann (1990) about levels and sources of change in a country's foreign policy. Nevertheless, the use of books, articles, news and official government documents were essential for the development of this article. Hence, we argue that there is a gradual shift from the United States to China as a priority partner of Saudi Arabia since 2010, a trend that has been accelerated by external shocks from the International System, such as the Arab Spring, the fall of the international oil prices and the United States withdraw from the Middle East politics and by the rise of Mohammed bin Salman to the executive power. Such a shift is associated with an increase in intensity and a change in the means by which the country relates to China. Notwithstanding, this trend does not mean that Saudi Arabia abandoned its historic relationship with the United States.

Keywords: Saudi Arabia; Foreign Policy; Hermann.

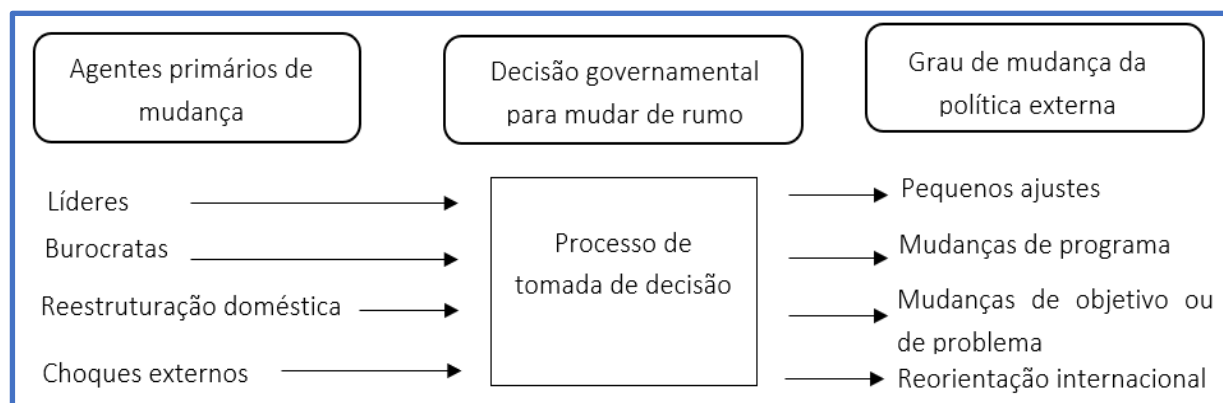
INTRODUÇÃO

A Arábia Saudita, importante país na geopolítica mundial por conta de sua riqueza petrolífera e seu poder de influência no Oriente Médio, enfrentou mudanças na sua política externa em relação à sua inserção internacional em geral, e para as grandes potências em específico. Isso porque o país, que, desde sua fundação manteve relações próximas com os Estados Unidos, está buscando maiores aproximações com a China em determinados campos, como o comercial, o estratégico e o político. Deste modo, a hipótese central trabalhada neste

artigo é a de que há um gradual deslocamento dos Estados Unidos para a China como parceiro prioritário do referido país a partir, principalmente, de 2010. Essa alteração ocorreu por conta dos choques externos, como a queda internacional no preço do petróleo e o afastamento estadunidense do Oriente Médio, e da ascensão de Mohammed bin Salman ao poder executivo do país, e significou mudanças na intensidade de objetivos já traçados e a criação de novos mecanismos para administrar a expansão das relações. Os objetivos principais deste trabalho, portanto, são: examinar a intensidade pela qual esse processo ocorreu e entender quais são as áreas passíveis de análise para esse fato, iniciando por uma breve recapitulação histórico-política do país em questão.

Para a realização desta análise, utiliza-se, para fins metodológicos, o artigo de Charles Hermann (1990), intitulado *Changing Course: When Governments Choose to Redirect Foreign Policy*, que busca explicar as mudanças em política externa de um país a partir de graus e fontes destes processos. O modelo proposto pelo autor (apresentado na figura abaixo) identifica quatro graus de mudança em uma política externa, desde a mais branda até a mais intensa: (01) pequenos ajustes; (02) mudanças de programa; (03) mudança de objetivo; e (04) orientação internacional; e quatro fontes que podem ser relevantes para tais mudanças: (01) líder; (02) burocracias governamentais; (03) reestruturação doméstica; e (04) choques externos.

Figura 1. O papel dos atores na tomada de decisão e os graus de mudança em política externa



Fonte: Adaptado pelos autores a partir de Hermann (1990, p. 13)

Além desta introdução, o trabalho apresenta outras quatro partes: uma análise histórico-política do país em questão; um tópico sobre as fontes relevantes de mudança na política externa (PEX) da AS; uma análise dos graus de mudança desta PEX; e considerações finais. Em vista disso, a importância deste trabalho está apoiada na tentativa de expandir os estudos acerca de um tema relevante para as Relações Internacionais no geral, mas pouco debatido entre estudiosos brasileiros em específico. Não obstante, quando estas análises são realizadas, elas são, geralmente, restritas à investigação das relações conflituosas entre Arábia Saudita e Irã e os desdobramentos que estas provocam no Oriente Médio, sem aprofundar estudos acerca da organização interna dos países e de suas relações para com potência extrarregionais, que, como

observado nesse artigo, também são relevantes para entender os desdobramentos na região e entendê-las sob outra perspectiva.

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS POLÍTICAS INTERNA E EXTERNA SAUDITAS

O Reino da Arábia Saudita, estabelecido oficialmente em 1932, pela família Al Saud, está entre os países mais influentes do mundo, principalmente por sua riqueza petrolífera (considerada a segunda maior reserva de petróleo mundial e responsável por 1/4 da produção mundial de petróleo) e por possuir um grande poder de influência dentro da Organização de Países Produtores de Petróleo (OPEP) e do Conselho para Cooperação no Golfo (GCC). Este recurso natural também representa cerca de 80% da receita nacional e, pelo menos, 45% do Produto Interno Bruto do país, e, por isso, é considerado um pilar fundamental para a preservação de seu poder (Visentini, 2014). Além do petróleo, a religião é outro importante pilar para garantir a estabilidade política interna do Reino, que se utiliza dela para justificar suas ações com base na personificação, proteção e propagação de uma única interpretação possível dos textos sagrados do Corão e da Shari'a. O Wahabismo, movimento do islamismo sunita, é a religião oficial do Reino e é considerado um modelo ultraconservador, xenofóbico e fundamentalista de conduta (Commins, 2006). Esses dois aspectos principais permitiram a construção de um Estado que desfruta de imenso poder político sobre sua população (apesar de ser marcado por diversos escândalos de corrupção, desemprego crescente e violação dos direitos humanos) e de uma projeção internacional robusta (House, 2012).

O país dispõe de um assento importante na gestão do Oriente Médio, alcançado através de apoios militares e econômicos a conflitos regionais que pudessem aumentar seu poder e garantir sua segurança. Essa liderança é disputada, principalmente, com o Irã, rival do Reino em questões políticas, sociais, religiosas e militares. Os dois países buscam exercer seu poder de influência na região em aspectos contrários, através de apoios a grupos armados conflitantes, como no Iêmen, na Síria, no Líbano etc., além de buscar apoios internacionais de diferentes países. Essas instabilidades regionais, portanto, permitem a ambos a busca de seus interesses em Estados vizinhos, sejam eles econômicos, políticos e/ou militares e estratégicos (Gause, 2014). Essa análise é importante, também, para entendermos como os conflitos regionais são relevantes para explicar as mudanças que o país enfrenta em sua política externa em relação às potências extrarregionais, como é o caso com os Estados Unidos e China, analisados neste trabalho.

Nas relações internacionais, a Arábia Saudita tem sua ascensão vinculada à parceria estratégica travada com os Estados Unidos desde as primeiras décadas de sua fundação. Em 1938, empresas estadunidenses instaladas em território saudita fizeram as primeiras descobertas de campos petrolíferos no país, o que alteraria seu rumo econômico, social e político. As relações entre ambos se estreitaram, ainda mais, nos tempos de Guerra Fria, por conta de três propósitos principais: exportação de petróleo necessária para a reconstrução da Europa e do Japão no pós-guerra, o que permitiu a transação de enormes quantias financeiras para o governo saudita e para empresas intermediárias estadunidenses; o fornecimento de hidrocarbonetos para os Estados Unidos, garantindo uma segurança estratégica para o desenvolvimento do país; e a exclusão de

outras potências, como França, Rússia e Reino Unido do acesso a fontes de recursos naturais estratégicos (Halliday, 1982). Essa relação, entretanto, enfrenta momentos incertos, principalmente por conta de choques externos e alterações políticas internas, ocasionando em uma aproximação do Reino com a China. A relação entre estes dois, ao contrário, foi estabelecida oficialmente somente em 1990, e estreitada a partir de 2006, como será abordado posteriormente.

AS FONTES DE MUDANÇA DE POLÍTICA EXTERNA DA ARÁBIA SAUDITA

Assim como explicado anteriormente, Hermann (1990) caracteriza quatro fontes de mudança em política externa. Neste tópico serão abordadas as duas fontes (líder e choques externos) tidas como mais relevantes para implicar alterações na política externa saudita, bem como a justificativa da escolha destas e não das outras duas (burocracia e reestruturação doméstica).

O papel do líder

Hermann afirma que uma mudança realizada em política externa pode ser advinda do líder, se este for suficientemente poderoso e influente para impor sua visão de mundo. Este é o caso de Mohammed bin Salman (MBS, como é popularmente conhecido), atual príncipe herdeiro da Arábia Saudita e “líder de fato” do Reino. Sua trajetória começa a ganhar relevância quando seu pai, Salman bin Abdulaziz Al Saud, governador de Riad, capital saudita, por quase meio século, se tornou Rei em 2015, com a morte do monarca anterior, Abdullah bin Abdul Aziz Al-Saud, que ocupou o posto por dez anos (Hubbard, 2020).

Mohammed bin Salman, filho de Salman, era uma figura pouco conhecida dentro do Reino até seu pai se tornar Rei e indicá-lo a postos importantes, segundo Ben Hubbard, em seu livro “*MBS: The Rise to Power of Mohammed bin Salman*”, que analisa a trajetória do príncipe desde sua infância. Diferentemente de outros príncipes, MBS não estudou em faculdades estrangeiras ou morou em países com valores fortemente ocidentais. Além disso, passou muito tempo de sua infância e juventude acompanhando seu pai no trabalho diário como governador da capital. Toda essa experiência moldaria a forma como ele iria angariar poder no futuro. Seu vasto conhecimento sobre os assuntos do Reino e da sociedade o permitiram executar ações que poucos pensavam possível até sua realização, demonstrando seu poder e interesse em reformular a estrutura do país (Hubbard, 2020). Esse *background* é importante para a análise, a partir do momento em que, como afirmado por Figueira:

[A] mente de um formulador de política externa não é uma tábula rasa, pois carrega ideologia, cultura, emoções, entre outros aspectos cognitivos e sociais que influenciarão na forma de reconhecer o problema, nas decisões que irá tomar, bem como na própria representação da situação (Figueira, 2011, p. 22).

Seu poder se expandiu ainda mais quando, em abril de 2015, foi indicado ao posto de vice príncipe herdeiro, segundo vice-primeiro-ministro e Presidente do Conselho de Assuntos Econômicos e de Desenvolvimento. Em junho de 2017, o Rei Salman substituiu seu sobrinho, Mohammed bin Nayef, por Mohammed bin Salman como o novo Príncipe-herdeiro do Reino

saudita (Hubbard, 2020). Buscando demonstrar poder e lealdade, MBS, no final de 2017, com sua campanha anticorrupção no país que investigou e congelou os bens de pessoas possivelmente envolvidas em esquemas de corrupção, deteve dezenas de príncipes, ministros e ex-ministros em um hotel de luxo na capital saudita, acontecimento amplamente noticiado não só no Reino, mas internacionalmente. Entretanto, esta ação que visava demonstrar a lealdade do Príncipe, afastou os investidores tanto nacionais quanto internacionais, tendo em vista os anseios de possíveis prisões. Esta não foi a única vez que MBS realizou tais ações, já que as detenções continuaram a ocorrer, visto que, em março de 2020, mais de trezentos funcionários públicos, incluindo militares e membros da força de segurança foram presos por serem acusados de receber subornos e abusar de cargos públicos (Espinosa, 2020).

Além disso, antes mesmo de se tornar príncipe-herdeiro, MBS, como Ministro da Defesa do Reino, lançou, em 2015, um ataque aéreo contra os Houthis no Iêmen, milícia xiita apoiada pelo Irã que reivindicava maior participação política no governo e tomou a capital iemenita, depondo Abdrabbuh Mansur Hadi e seu governo. A campanha, que tinha como objetivo restaurar o governo de Hadi e a aumentar influência saudita frente à iraniana no país, em poucas semanas acabou se perpetuando por conta do excelente preparo dos Houthis em resistir à iniciativa saudita, o que levou o país a uma situação de crise humanitária (Al Jazeera, 2020) e acabou por prejudicar a imagem internacional de MBS, tendo em vista a associação da campanha com sua pessoa (Hubbard, 2020).

Figura 2. Arábia Saudita e Iêmen



Fonte: Al Jazeera (2020)

Entretanto, o projeto mais audacioso e característico de MBS é o chamado “*Saudi Vision 2030*”, que busca, entre outros objetivos, diversificar a economia do Reino saudita para que o país não seja totalmente dependente do petróleo. O gatilho para essa preocupação foi a queda internacional no preço do petróleo a partir de 2014. Assim, o projeto, no âmbito econômico, busca maior participação do setor privado na economia, com privatizações de empresas estatais como a Saudi Aramco, empresa petrolífera estatal saudita, e atração de Investimento Externo Direto (IED) para a construção de cidades, portos, estradas e infraestruturas em geral (Saudi Arabia, 2016). Além de objetivos econômicos, o plano objetiva modernizar a sociedade saudita, buscando uma abordagem mais moderada do Islã, assim como afirmado por MBS durante uma reunião de investidores estrangeiros no Reino, permitindo que mulheres dirijam, construindo shoppings e cinemas e aumentando as atividades de lazer no país algo inédito dentro de um dos países mais conservadores do mundo em programas sociais e direitos individuais, segundo o *Social Progress Index* (2020).

Deste modo, a afirmação de Hermann (1990) de que as mudanças em política externa podem ser advindas do líder se ele for suficientemente influente torna-se verdadeira na análise da Arábia Saudita com MBS no poder e na condução da política exterior do país. Tal afirmação está atrelada às mudanças realizadas pelo príncipe-herdeiro tanto em políticas domésticas que geram repercussões internacionais quanto em políticas que buscam alterar de fato a política externa saudita. Dentre os exemplos citados, o que mais se destaca é o *Saudi Vision 2030*, tendo em vista que esse projeto propõe não só reformular a imagem da Arábia Saudita internacionalmente, mas também garantir maiores liberdades individuais dentro do Reino – algo inovador – e diminuir a dependência petrolífera do país. Não obstante, MBS buscou demonstrar seu poder e sua lealdade ainda no início de sua carreira como Ministro da Defesa, lançando uma campanha aérea contra os Houthis no Iêmen e realizando campanhas anticorrupção que detiveram dezenas de príncipes, ministros e funcionários do Estado acusados de corrupção – atitudes mais ofensivas (Ghafar, 2017).

Os choques externos

Para além das mudanças advindas da ascensão do Rei Salman e de MBS ao poder na política interna saudita, alguns acontecimentos externos foram essenciais para acarretar alterações na política externa do país. São eles: a Primavera Árabe, a queda internacional no preço do petróleo e o afastamento dos Estados Unidos da região.

A Primavera Árabe, que teve início no final de 2010, esteve atrelada à frustração popular com os regimes autoritários e repressivos em diversos países do Norte da África e do Oriente Médio, bem como com a crescente desigualdade econômica que afetava o bem-estar das populações. Os protestos despontaram simultaneamente pela região em busca de mais democracia e garantia dos direitos humanos. Dentre os diversos efeitos dessas manifestações, destaca-se a deposição dos ditadores na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen, bem como com as guerras civis no Iêmen e na Síria (Rieger, 2013).

Ainda que a Primavera Árabe não tenha se alastrado diretamente para a Arábia Saudita, tendo em vista que as manifestações não derrubaram ou ameaçaram derrubar o regime monárquico do Reino, ela afetou indiretamente o país, que teve de reformular sua política interna e externa regional a fim de controlar as instabilidades e frear a expansão da influência iraniana, bem como conter as revoltas populares internas. Protestos internos ocorreram na Província Oriental, região importante por conta das grandes reservas petrolíferas e da concentração da maior parte do grupo minoritário xiita, que reivindica maior participação social e um tratamento de igualdade em relação à maioria sunita (NPR, 2011; Rieger, 2013). Para solucionar esse impasse, o governo saudita adotou medidas de benefícios econômicos, sociais, educacionais e de saúde em um primeiro momento, visando conter os revoltosos. Posteriormente, tomou ações de repressão, prendendo e atirando contra revoltosos e caracterizando as revoltas como complôs de xiitas iranianos (De Souza e Jardim, 2015). Essa tendência também foi percebida nas demais monarquias do Golfo Pérsico (Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Kuwait e Omã), que atuaram em conjunto, através do CCG, para garantir estabilidade e segurança interna e conversar o *status quo* que desfrutavam no Oriente Médio e sob sua população, com ampla ajuda financeira saudita, que se preocupava com a “potencial derrubada de um regime monárquico árabe em sua vizinhança” (Rieger, 2013, p.6, tradução livre; Visentini, 2014).

Já no âmbito regional, o Reino adotou uma política de segurança externa de seu regime, através da ajuda e preservação de regimes aliados (Bahrein, Egito, Iêmen, Jordânia, Marrocos, Omã e Tunísia) e de ataques à regimes inimigos (Líbia, Síria e Irã). O país atuou de maneira militar na guerra civil do Iêmen, com intervenções territoriais e ataques aéreos, que objetivam a deposição da milícia armada Houthis, que tomou o poder em 2015 e é apoiada pelo Irã, além de cortar apoios financeiros para enfraquecer este grupo. A Arábia Saudita também adotou uma política de intervenção militar direta no Bahrein, no qual o regime monárquico estava sob ameaça, garantindo a estabilidade do país – tendo em vista que sua queda representaria grandes fontes de instabilidade para o regime saudita - e aumentando seu poder de influência sobre ele (Steinberg, 2014). Por último, cita-se a atuação do Reino, em conjunto com outros países sunitas do Golfo, na guerra civil da Síria, apoiando militar e financeiramente a deposição de Asaad, também em contraposição ao Irã, que objetiva a manutenção do poder do presidente (Gause, 2014).

A questão petrolífera, pilar histórico da estabilidade econômica e política saudita, também se tornou uma preocupação para o Reino a partir, principalmente, de 2014, quando os preços do barril de petróleo registraram uma queda brusca (Figura 3). Essa queda foi ocasionada, especialmente, pela desaceleração da economia global e pela busca dos Estados Unidos em reduzir sua dependência dos países da OPEP pela extração de gás de xisto e compra de petróleo canadense, reduzindo a demanda de petróleo saudita (Leães, 2016).

Figura 3. WTI Crude Oil Prices - 10 Year Daily Chart



Fonte: Macrotrends (2020)

Deste modo, mesmo que a Arábia Saudita tenha vantagens no mercado internacional de petróleo por conta de recursos abundantes e tecnologias que permitem a produção de barris a baixos custos, o país precisou passar por uma reorganização na estrutura interna do Ministério de Energia, Indústria e Minérios e adotar novas políticas para se adequar às mudanças. Assim, aumentou-se a oferta para desbancar, agressivamente, os concorrentes internacionais do setor, principalmente os EUA, a Rússia e o Irã. Como exemplo, podemos citar a guerra de preços travada entre Arábia Saudita e Rússia durante os primeiros meses da pandemia da COVID-19, na qual o Reino aumentou exponencialmente sua produção para desbancar o fornecimento russo, que não havia atendido às demandas sauditas de diminuição da produção (Krauss e Stanley, 2020). Não obstante, o país buscou destinos alternativos para suas exportações de petróleo, e encontrou na China um mercado disposto a absorvê-las. Essa tendência está ligada, também, ao constante crescimento econômico chinês, que demanda enormes volumes de petróleo para seu desenvolvimento interno e sua projeção externa.

Por último, torna-se necessária a análise sobre o afastamento dos Estados Unidos do Oriente Médio e o esfriamento das relações com a Arábia Saudita. A importância da potência norte americana no desenvolvimento do país árabe ao longo dos anos é inegável, já que, dentre outros aspectos, ela foi essencial no provimento de enormes quantias de equipamentos militares para o Reino, na contenção do poder iraniano através de sanções econômicas e militares multilaterais, na compra do petróleo saudita, na realização de investimentos para o desenvolvimento de infraestruturas essenciais e, de uma forma geral, no apoio à expansão saudita como uma potência regional estabilizadora (Blanchard, 2020).

O afastamento teve início com a política externa de Barack Obama, que buscou o redirecionamento da atenção do país do Oriente Médio para a Ásia-Pacífico, política caracterizada como “pivô para Ásia” – que tinha como objetivo principal a contenção geopolítica e

geoeconômica da China (Ford, 2017). Não obstante, a tentativa dos Estados Unidos de realizar uma política mais moderada na contenção ao Irã, através do “*Joint Comprehensive Plan of Action*”, suscitou dúvidas nos sauditas quanto ao desejo norte-americano em, de fato, conter o país e priorizar a relação bilateral com o Reino, tendo em vista o abandono de sanções - o que permite seu crescimento econômico e militar - e a não inclusão ou consulta do Reino nas decisões (Robinson, 2021). Além disso, mesmo que durante o governo de Donald Trump os dois países tenham intensificado novamente as relações (Miller e Sokolsky, 2017), os acordos firmados entre Israel e demais países do Golfo Pérsico - apoiados pelos EUA - pareceram funcionar como uma espécie de “estabilização” da região e de contrapeso ao Irã sem o protagonismo saudita ou norte-americano (Olmo, 2020).

Ademais, as ações militares da Arábia Saudita no Iêmen, na Síria e no Bahrein supracitadas, podem ser entendidas, também, como consequências da política de distanciamento da região adotada pelos Estados Unidos. Isso porque o não envolvimento direto dos EUA nos conflitos forçou a adoção, por parte do Reino, de políticas mais independentes para frear às instabilidades regionais e manter seu *status quo*. Essa dinâmica não era percebida antes do afastamento norte-americano, quando o Reino buscava atingir seus interesses através de ajudas financeiras à Estados e grupos aliados. Como exemplo desta afirmação, tem-se a decisão norte-americana de não se envolver militarmente na Guerra do Iêmen, e somente apoiar financeiramente seus parceiros, como foi o caso com a Arábia Saudita, o que influenciou o país a tomar atitudes mais ofensivas (Robinson, 2021).

Portanto, após a análise, percebe-se que os choques externos foram relevantes para produzir alterações na política externa saudita, já que o país teve de modificar suas políticas para se adaptar aos novos desafios internacionais. Dentre os principais acontecimentos destacou-se, neste tópico, as instabilidades da Primavera Árabe que levaram a um protagonismo saudita na Síria, no Iêmen e no Bahrein; o choque internacional no preço do petróleo que “empurrou” a AS para a interdependência com a China; e o enfraquecimento de sua histórica relação com os Estados Unidos por conta, também de sua política de afastamento da região do Oriente Médio, forçando o país a adotar políticas militares mais ofensivas.

Não obstante, a escolha do líder e dos choques externos e não das burocracias governamentais e de reestruturações domésticas como fontes relevantes das mudanças está ligada à constância percebida na política interna do Reino, caracterizada por continuidade e autoritarismo governamental ao longo dos anos. Essa tendência reflete a forma pela qual a família real chegou ao poder e demonstra sua autoridade frente à população. Deste modo, mesmo que tenham ocorrido mudanças na liderança saudita com a ascensão de MBS, as burocracias internas continuam a ser subordinadas aos desejos e às ordens do Rei e dos príncipes mais influentes - tendência esta construída desde a formação do Reino em 1932, através de amplas coalizões que buscavam garantir a interdependência de familiares e burocratas nos assuntos políticos e religiosos do país, em um esquema hereditário (Baer, 2003). Assim, a partir de nossas análises, não percebemos uma alteração nas burocracias governamentais ou uma reestruturação

doméstica no Reino que impactassem em modificações no regime ou na organização dos grupos de poderes, que se mantiveram restritas aos interesses de MBS e de seus ministros, e por isso, não julgamos necessário considerá-las fontes de mudança relevantes para a política externa. Optamos por trabalhar, portanto, com as duas variáveis que consideramos possuir maior poder explicativo frente às mudanças que a política saudita enfrentou, utilizando bibliografias e acontecimentos para embasar esta escolha.

OS GRAUS DE MUDANÇA NA POLÍTICA EXTERNA DA ARÁBIA SAUDITA

O modelo original de Hermann serve para cravar o grau de mudança (de um a quatro) da PEX de um país, isto é, o quanto ela mudou em determinado período. Ademais, enquanto o modelo tem como objeto as linhas gerais de uma dada PEX, o presente trabalho o utiliza para analisar um objeto mais específico: a interação da AS com as grandes potências, em especial EUA e China. Nossa proposta é pensar, a partir do modelo, se há uma sobreposição entre esses graus, ou seja, se a PEX da AS para as grandes potências sofreu uma combinação de pequenos ajustes com mudanças táticas, ou de alterações táticas combinadas com uma guinada de objetivos, por exemplo. E nosso argumento é que houve, de fato, mudanças na PEX da AS desde 2010 para as grandes potências, mas elas limitaram-se aos dois primeiros graus de intensidade (pequenos ajustes e mudanças de programa) e decorreram das duas fontes tratadas anteriormente: a mudança na liderança política (com a ascensão de MBS) e os choques externos.

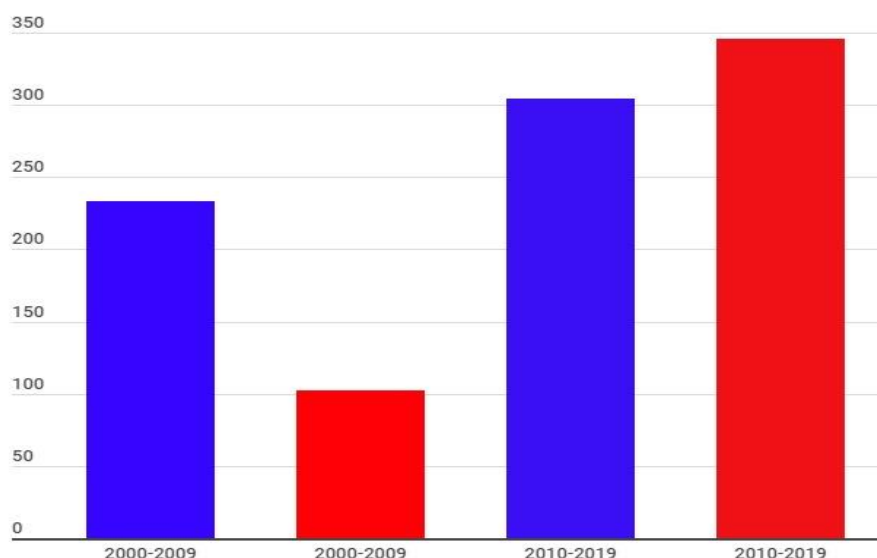
Pequenos ajustes

Pequenos ajustes em política externa são aumentos ou diminuições (quantitativos) no esforço empregado em determinados objetivos já estabelecidos (Hermann, 1990). Assim, serão analisadas, neste tópico, principalmente, as relações comerciais e militares entre Arábia Saudita, China e Estados Unidos, a fim de entender quais foram as alterações nesses campos.

Um indicador importante para retratar esse aumento nas relações entre AS e China é o comercial. Isso porque o valor do comércio entre os dois países cresceu de US\$4 bilhões em 2001 para aproximadamente US\$73 bilhões em 2019 (Direction of Trade Statistics, 2020), girando em torno, principalmente, da venda de petróleo e de produtos petroquímicos do Reino para a China e da venda de *commodities* industriais, equipamentos elétricos, maquinaria, roupas etc. da China para a Arábia Saudita (Chen e Han, 2019). Além disso, a China se tornou o principal parceiro comercial saudita em 2015, superando os Estados Unidos – que eram os principais parceiros do Reino desde sua fundação. Desde então, a China ocupa 17% das exportações e 16% das importações do país (Trading Economics, 2020). Além disso, o Reino está entre os maiores fornecedores de petróleo para a potência asiática, representando 16% do total de petróleo importado pelo país (U.S. Energy Information Administration, 2020).

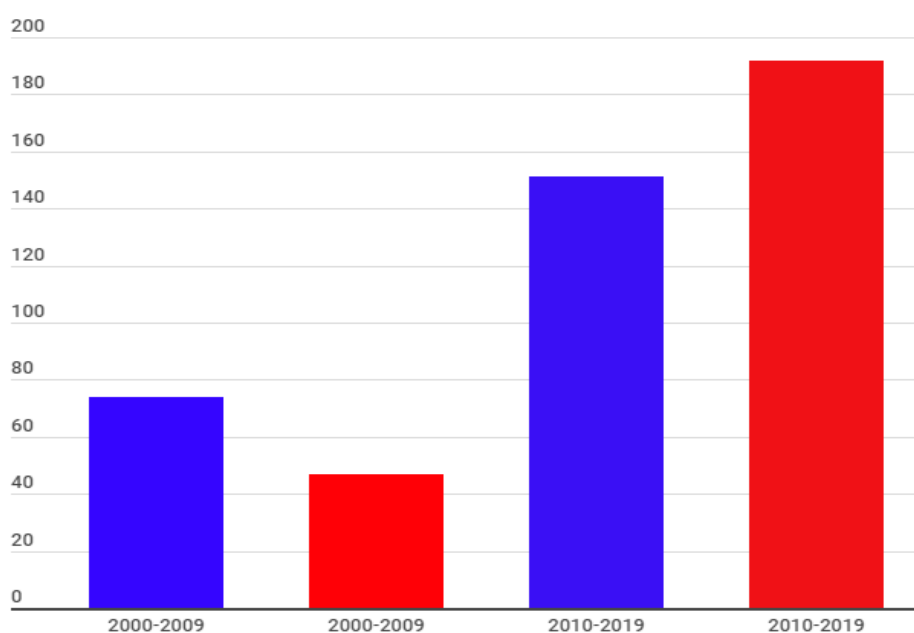
A fim de melhor demonstrar o peso comercial da China e dos Estados Unidos para a Arábia Saudita, desenvolvemos os gráficos abaixo (Figura 4 e 5):

Figura 4. Exportações, em bilhões de dólares, da AS para China (em vermelho) e EUA (em azul) nas décadas de 2000-2009 e de 2010-2019



Fonte: Desenvolvido pelos autores com base nos dados da OEC (2021)

Figura 5. Importações, em bilhões de dólares, da AS da China (em vermelho) e dos EUA (em azul) nas décadas de 2000-2009 e de 2010-2019



Fonte: Desenvolvido pelos autores com base nos dados da OEC (2021)

A partir da análise das figuras acima, nota-se que a China teve um maior peso comercial no mercado saúdita em comparação aos EUA entre 2010 e 2019, tanto nas importações quanto nas exportações. Além disso, enquanto as exportações do Reino para a China cresceram, em uma década, US\$244 bi, para os EUA, esse crescimento foi de US\$74 bi - uma diferença de,

aproximadamente, 300% em relação à China. Já as importações da China, em uma década, aumentaram US\$144,2 bi, enquanto, dos EUA, aumentaram 76,5 bi - uma diferença de, aproximadamente, 90% em relação ao país asiático. Portanto, o peso comercial que a China está conquistando no mercado saúdita é indiscutível e se deve, também, à autossuficiência de petróleo dos EUA, conquistada há poucos anos por conta do petróleo de xisto, como abordado anteriormente.

Nas relações militares, entretanto, os EUA continuam como o principal exportador de armamentos para o Reino, com 1748 pedidos militares realizados pela AS aos EUA entre 2001-2020 (Figura 6), em comparação aos 54 pedidos realizados à China no mesmo período de tempo (Figura 8). Os equipamentos comercializados entre AS e EUA abrangem tanques militares, munições, equipamentos militares e veículos de lançamento espacial, aviões e helicópteros, assim como apresentado pela Figura 7 (equipamentos entregues somente entre 2016-2020, tendo em vista a ampla lista de equipamentos comercializados entre os dois países desde 2000). Já a China vende ao Reino, principalmente, veículos aéreos não tripulados (VANTs), apresentados na Figura 8. Ainda que a relação militar entre China e AS continue limitada, ela torna-se importante porque atende a um nicho de demanda (VANTs) em que empresas norte-americanas não podem atuar por conta de um veto do governo dos EUA a vendas deste tipo de aparelho para países do Oriente Médio.

Figura 6. Acordos com pedidos e entregas feitos entre AS e EUA entre 2001 e 2020

Supplier/ recipient (R)	ordered	No. designation	Weapon description	Year(s) Weapon of order	Year delivery	of delivered
United States R: Saudi Arabia	(1748)	6V-53	Diesel engine	(1990)	1991-2004	(1748)

Fonte: SIPRI Arms Transfers Database (2021)

Figura 7. Produtos comercializados entre AS e EUA (2016-2020)

(400)	Harpoon Block-2	Anti-ship missile/SSM	(2016)	2020	(50)	AGM-84L version; for
(2645)	JDAM	Guided bomb	2016	2018	(2645)	F-15SA combat aircraft
(2)	King Air-350 ISR	AGS aircraft	2016	2019-2020	(2)	Incl GBU-31, GBU-38,
153	M-1A2S	Tank	2016	(153)		GBU-54 LJDAM and GBU56 LJDAM versions
(20)	M-88A2 HERCULES	ARV	(2016)	(20)		
9	S-70/UH-60L	Helicopter	2016	2017	(9)	
618	AGM-154 JSOW	Guided bomb	2017	2019-2020	(350)	\$302 m deal; JSOW-C
24	AH-64E Apache	Combat helicopter	2017			Block-3 version
8	CH-47F Chinook	Transport helicopter	2017			Delivery planned by end-2022
130	MM-104F PAC-3	ABM	2017			Delivery planned 2021
4	MMSC	Frigate	2017	(130)		PAC-3 CRI version
(10)	PTDS	AGS aerostat	2017			74K Persistent Threat Detection System (PTDS)
(100)	RIM-116A RAM	SAM	(2017)			Aerostats
(512)	RIM-162 ESSM	SAM	(2017)			For SeaRam SAM system on MMSC frigates
(57)	S-70/UH-60L	Helicopter	2017			For MMSC frigates
650	AGM-84H SLAM-ER	ASM	(2018)			2018-2020 (30) UH-60M version; including 8
	MM-104F PAC-3	ABM	2018			\$2 b deal; for F-15SA combat aircraft; delivery
	MM-104F PAC-3	ABM	2018			probably planned 2021/2022-2028
5	Mk-41	Naval SAM system	(2018)			Delivery planned by 2024
7	THAAD	ABM system	2018			\$279 m deal; PAC-3 CRI version; delivery planned
360	THAAD missile	ABM missile	2018			by 2023
(45000)	Paveway	Guided bomb	2019	2019-2020	(20000)	For 5 Avante-2200 frigates from Spain
				version		Delivery planned 2021-2027
(4000)	Paveway	Guided bomb	2019	2020	(500)	Incl Enhanced Paveway
						Paveway-4 version

Fonte: SIPRI Arms Transfers Database (2021)

Figura 8. Acordos com pedidos e entregas feitos entre AS e China entre 2001 e 2020

Supplier/ recipient (R)	ordered	No. designation	Weapon description	Year(s) Weapon of order	Year delivery	of delivered	No. Comments
China							
R: Saudi Arabia	(54)	PLZ-45 155mm	Self-propelled gun	(2007)	2008-2009	(54)	
		(5)	CH-4		Armed UAV	(2014)	2015 (5)
		(15)	Wing Loong-1		Armed UAV	(2014)	2015-2017 (15)
		(50)	Wing Loong-2		Armed UAV	2017	2017-2020 (35)

Fonte: SIPRI Arms Transfers Database (2021)

Deste modo, os pequenos ajustes da política externa saudita estariam inseridos na intensificação da sua relação com a China nos campos comercial e militar (ainda que em menor escala neste último). Essa intensificação ocorre em um momento no qual os Estados Unidos buscam diminuir sua atuação no Oriente Médio, por diversos fatores já abordados. Assim, a Arábia Saudita encontra na China um mercado disposto a ocupar o espaço deixado pela potência norte-americana.

Mudanças de programa

Segundo Hermann (1990), as mudanças de programa são feitas nos meios e métodos utilizados pelo Estado para lidar com o problema em questão, através da criação de novos instrumentos, porém sem alterações nos objetivos da política externa. Ao contrário dos pequenos ajustes, essas alterações seriam qualitativas. Tais mudanças foram percebidas nas relações entre Arábia Saudita e China a partir, principalmente de 2006, quando pela primeira vez um Rei saudita (Abdullah bin Abdul Aziz Al-Saud) visitou a China, concluindo a assinatura de uma série de acordos de cooperação estratégicos e comerciais, bem como políticos e diplomáticos. A Tabela 1 sumariza os principais acordos bilaterais entre os dois países desde 1990.

Tabela 1. Acordos bilaterais firmados entre China e Arábia Saudita

<i>Agreement on economic, trade, investment and technology cooperation</i>	05 de novembro de 1992
<i>Agreement to encourage and protect each other's investment</i>	29 de fevereiro de 1996
<i>Agreement on developing oil, gas and mineral resources cooperatively</i>	23 de janeiro de 2006
<i>Agreement to avoid double taxation and prevent tax evasion for income and property</i>	23 de janeiro 2006
<i>Agreement on civil aviation</i>	23 de julho de 2007
<i>Joint statement on strengthening cooperative and strategically friendly relations</i>	21 de junho de 2008
<i>Agreement to strengthen cooperation on infrastructure construction</i>	21 de junho de 2008
<i>Supplementary memorandum of understanding (MOU) on developing oil, gas and mineral resources cooperatively</i>	10 de fevereiro de 2009
<i>MOU to promote the Belt and Road Initiative and industrial capacity cooperation</i>	19 de janeiro de 2016
<i>Joint statement on establishing comprehensive and strategic partnerships</i>	19 de janeiro de 2016

Fonte: CHEN e HAN, 2019

Presta-se especial atenção neste tópico à assinatura do acordo conhecido como *“Joint statement on establishing comprehensive and strategic partnerships”*, de 2016. Essa simbologia é utilizada pela diplomacia chinesa para enfatizar maiores integrações econômicas, políticas, tecnológicas e culturais, tanto em níveis bilaterais quanto multilaterais (Fulton, 2020). Além disso, o acordo ressalta que as relações devem ser duradouras e estáveis, e as diferenças ideológicas e sociais, bem como ações individuais, não devem comprometer a relação estratégica, baseada em uma ideia de benefício mútuo (Chen e Chang, 2013). Esse acordo pode ser entendido como uma consequência do *“Joint statement on strengthening cooperative and strategically friendly relations”*, de 2008, que já sinalizava o interesse dos países em estreitar as relações –antes mesmos dos choques externos e das alterações internas no Reino, tratadas anteriormente e que ajudaram a expandir esse objetivo.

Não obstante, os dois países criaram comitês especializados para administrar os novos projetos. Esse foi o caso do *“Saudi-Chinese High Level Joint Committee”*, criado para a coordenação conjunta da *Belt and Road Initiative* e do *Saudi Vision 2030*, dois projetos de suma importância para a política externa de ambos. Assim, segundo Bader al-Asaker, chefe do escritório privado de MBS: *“They are embracing this opportunity to hold a joint, bilateral, high-level committee meeting to guide and coordinate cooperation in all fields.”* (Al Arabyia, 2019). O comitê visa estabelecer um fundo de investimento conjunto, a construção de um Parque Industrial chinês na cidade de Jazam, no Reino, e a finalização de acordos de cooperação energética, além de seis outros subcomitês. Sua importância frente aos demais projetos bilaterais já desenvolvidos está atrelada à dimensão que este atinge, ultrapassando objetivos apenas comerciais - geralmente priorizados por ambos os países - e visando acordos de cooperação também na esfera política (Chen e Han, 2019).

A coordenação entre os dois países ocorreu, também, em fóruns multilaterais, como o *China-Arab States Cooperation Forum* e o *China-Gulf Cooperation Council (GCC) Strategic Dialogue*, em aspectos energéticos, de infraestrutura, comércio e investimento e em energia nuclear e novas fontes de energia. Esses fóruns são importantes pois aproximam investidores sauditas e chineses, diminuindo suas diferenças culturais, religiosas e políticas que atuam muitas vezes como empecilhos não-econômicos a atividades econômicas (movimento conhecido como *“embeddedness”*). Essa aproximação é importante pois, como apresentado por Chen e Han (2019), empresários chineses priorizam investimentos em países do Sudeste Asiático em detrimento da Arábia Saudita por conta da dificuldade em estabelecer conexões locais no Reino. Uma maneira que os governos buscaram para alterar esse movimento foi a inclusão da língua chinesa nos currículos de escolas e universidades públicas sauditas (Fulton, 2020) - retratando o desejo de maiores aproximações políticas, como será melhor abordado em seguida.

Para além do aumento nas relações comerciais, militares (em menor escala) e em acordos de cooperação, as relações entre os dois países também estreitaram na questão de apoios diplomáticos e políticos mútuos, principalmente a partir da ascensão de MBS, reforçando a importância da política de não interferência em assuntos internos, algo de suma importância para ambos. Essa política não era percebida na relação com os Estados Unidos, que há décadas torna

claro seu desejo pela democratização da região e realiza críticas às ações sauditas. Como exemplo, podemos citar a não condenação pelo governo chinês do assassinato do jornalista saudita Jamal Ahmad Khashoggi, na embaixada da Arábia Saudita em Istambul, em 2018. Segundo Geng Shuang, vice-diretor do Ministério das Relações Exteriores da China, o país confia na estrutura judicial saudita para julgar o caso, que não deveria ter sido internacionalizado, visto que é um assunto interno do Reino (Shuang, 2019). Trump, por outro lado, afirmou que MBS sofreria punições severas caso fosse confirmado seu envolvimento no assassinato (England e Sevastopulo, 2018). Além disso, a Arábia Saudita, mesmo que seja forte defensora do islamismo sunita, não condenou a atitude da China de criar “campos de reeducação” para aproximadamente um milhão de Muçulmanos Uigures em Xinjiang, acusados de apoiar terrorismo. Segundo Mohammed bin Salman: *“China has the right to carry out anti-terrorism and de-extremisation work for its national security”* (Cohen, 2020). Afirmção esta que parece funcionar como um “agradecimento” ao caso de Khashoggi.

Esse contraste de atitudes demanda uma observação importante: a relação entre AS e EUA não é baseada em valores compartilhados, mas sim em pressões internacionais, como o desejo norte-americano de frear expansão da influência soviética em tempos de Guerra Fria, o terrorismo, o petróleo etc. Por isso, a importância desta aliança se altera na mesma medida em que se alteram os interesses e as pressões internacionais, o que enfraquece a durabilidade das relações. Já a relação do Reino com a China, apesar de também ser motivada por interesses, não é impactada por esse *gap* nos valores compartilhados, já que os dois países focam no desenvolvimento econômico apesar das diferenças culturais, ideológicas etc., – algo que parceiros democráticos não conseguem atingir, pelo menos no mesmo nível – e buscam, também, diminuí-las (Fulton, 2020).

Estes apoios políticos foram demonstrados também nas afirmações chinesas sobre a Guerra do Iêmen. O embaixador chinês na ONU, Zhang Jun, em uma reunião do Conselho de Segurança, condenou os ataques de drones realizados contra a Arábia Saudita, afirmando que: *“Political settlement is the only way out of the Yemeni issue.”*. Além disso, gratificou as atitudes sauditas que

objetivam uma resolução pacífica do conflito, evidenciando os progressos já realizados nesta área, e reiterou a necessidade do Iêmen de buscar o diálogo e apoiar a mediação realizada pelo Enviado Especial da ONU (FMPRC, 2020). Já na Guerra da Síria, o governo chinês buscou, desde o início adotar uma política diplomática para a resolução do conflito, condenando atitudes militares. Assim, apesar da China possuir uma postura pró-Assad, o país buscou engajar a Arábia Saudita diplomaticamente na crise, e demonstrou, também, sua parceria com o Reino através da venda de armamentos, muitos dos quais usados para financiar grupos rebeldes sírios (Ramani, 2016). Deste modo, mesmo que em uma menor escala, essas duas análises retratam como os países buscam, progressivamente, estreitar os laços políticos em suas relações, porém sem realizar interferências em assuntos internos.

A escolha dos dois graus de mudança analisados acima (pequenos ajustes e mudanças de programa) se deve ao fato de que, apesar de a política externa saudita ter enfrentado alterações significativas, os objetivos buscados pelo país na arena internacional não alteraram da mesma maneira. Isso porque o Reino, há décadas, tem como principal objetivo, manter um papel relevante na gestão do Oriente Médio e frear a expansão da influência iraniana por meio de parcerias com países que estejam dispostos a prover equipamentos militares, infraestruturas, compra do petróleo saudita, entre outros (Gause, 2014) - objetivos estes que continuam sendo buscados.

Deste modo, as alterações presenciadas na política externa saudita são mudanças de magnitude, ou seja, mudanças de programa e pequenos ajustes - mudanças mais brandas se comparadas às mudanças de objetivo e de reorientação internacional. A escolha destas duas caracterizações para as alterações está atrelada à constância percebida nos objetivos da política externa saudita. O que alterou, de fato, foram os instrumentos utilizados para atingir tais objetivos, seja através da ascensão de MBS ao poder, do envolvimento em conflitos regionais ou de aproximações com a China - o que não significa um total abandono das históricas relações com os EUA, mesmo que essa tenha enfrentado momentos de instabilidades.

Por último, entendemos que as alterações na política externa do Reino são uma mescla dos dois tipos de mudança traçados acima (pequenos ajustes e mudanças de programa). Isso porque, se analisarmos somente o aspecto quantitativo das mudanças, ou seja, aumentos que ocorreram nos âmbitos militares e comerciais, enfraquecemos a análise qualitativa - algo que, apesar de ser difícil de mensurar numericamente, é importante para entender como os dois países buscam a construção de uma política de cooperação conjunta eficiente. Este foi o caso da criação do *Saudi-Chinese High Level Joint Committee* e da assinatura de acordos que evoluem o aspecto de uma relação bilateral para estratégica, como o *“Joint statement on establishing comprehensive and strategic partnerships”* - consideradas mudanças de programa pois retratam a tentativa dos Estados em criar novos comitês e métodos para lidar com objetivos de política externa já estabelecidos.

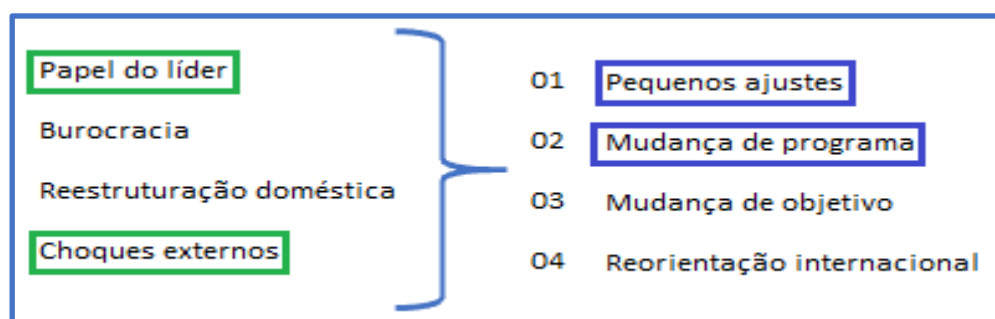
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas a política externa da Arábia Saudita enfrentou mudanças em relação à sua inserção internacional no geral e nas suas relações com China e Estados Unidos em específico. O país, que desde sua fundação obteve apoio norte-americano para seu desenvolvimento interno e externo, parece estar se aproximando da China em um momento no qual suas históricas relações com os Estados Unidos parecem incertas. Entretanto, apenas o esfriamento das relações com os EUA não é capaz de explicar as mudanças percebidas na PEX saudita. Isso porque, prestou-se especial atenção neste trabalho ao choque internacional do preço do petróleo, às consequências da Primavera Árabe, às alterações presenciadas na política interna e externa do país, como a ascensão de Mohammed bin Salman e suas ações militares contra países vizinhos, além de maiores rivalidades com o Irã.

Não obstante, tais mudanças foram caracterizadas como sendo de pequenos ajustes e mudanças de programa - mudanças estas mais brandas de acordo com o modelo de Hermann (1990). Essa caracterização tem relação com o entendimento de que, ainda que a Arábia Saudita tenha aprofundado suas relações com a China, esta aproximação foi marcada por alterações nos meios e na intensidade com que os dois se relacionam e não caracterizam uma mudança de objetivo da PEX saudita ou de abandono de suas relações com os EUA. Isso porque, como apresentado, o país continua com o objetivo de possuir um assento importante na gestão do Oriente Médio - e, também, a expansão iraniana – e de angariar receitas advindas do petróleo, tendo em vista a essencialidade deste recurso para o desenvolvimento econômico saudita.

A fim de resumir a relação traçada entre fontes e graus de mudança na política externa da Arábia Saudita ao longo do trabalho, inserimos abaixo a Figura 9. Em verde estão as variáveis independentes (fontes de mudança em política externa) que, combinadas, geraram mudanças de grau 01 e 02 na política externa da Arábia Saudita para as grandes potências.

Figura 9. Fontes e graus de mudança na política externa da Arábia Saudita



Fonte: elaborado pelos autores

Deste modo, podemos concluir que a Arábia Saudita e os Estados Unidos continuam a desfrutar de uma relação importante para ambos, mas que, ao contrário do passado, não é mais essencial por diversas razões, como a produção interna de petróleo norte-americano, o afastamento dos EUA da região, o estreitamento das relações comerciais, diplomáticas e estratégicas entre China e AS e a busca de Beijing por mais relevância no Oriente Médio. Portanto, a partir do exposto, confirmamos nossa hipótese de que há um gradual deslocamento dos EUA para China como parceiro principal da AS a partir de 2010, sendo que esta foi influenciada pelo líder e por choques externos e resultou em pequenos ajustes e mudanças de programa.

REFERÊNCIAS

Al Arabiya English (2019). 'Saudi Crown Prince co-chairs the Saudi-Chinese High-Level Committee'. *Al Arabiya English*, 22 de fevereiro. [Online]. Disponível em: <<https://english.alarabiya.net/News/gulf/2019/02/22/Saudi-Crown-Prince-co-chairs-the-Saudi-Chinese-High-Level-Committee>>. [Acesso em 10 jan. 2021]

Al Jazeera. (2020) 'Saudi-led coalition in Yemen says explosive-laden boats destroyed'. *Al Jazeera English*, 09 de julho. [Online]. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2020/7/9/saudi-led-coalition-in-yemen-says-explosive-laden-boats-destroyed>. [Acesso em 24 mar. 2021]

Baer, R. (2003) *The Fall of the House of Saud*. *The Atlantic*. [Online]. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2003/05/the-fall-of-the-house-ofsaud/304215/>. [Acesso em 18 mar. 2021]

BBC. (2017) 'O hotel de luxo que serve de prisão para príncipes sauditas acusados de corrupção.' *BBC*, 08 de novembro. [Online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41913240>. [Acesso em 04 jan. 2021]

Blanchard, C. M. (2020). *Saudi Arabia: Background and U.S. Relations*. U.S. Congressional Research Service, 2020 (RL33533). [Online]. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/mideast/RL33533.pdf>. [Acesso em 25 set. 2020]

Chan, M. (2017) 'Chinese drone factory in Saudi Arabia first in Middle East'. *South China Morning Post*, 26 de março. [Online]. Disponível em: <https://www.scmp.com/news/china/diplomacy-defence/article/2081869/chinese-drone-factory-saudi-arabia-first-middle-east>. [Acesso em 03 set. 2020]

Chen, D.; Han, W. (2019) *Deepening Cooperation Between Saudi Arabia and China*. [Online]. Disponível em: <https://doi.org/10.30573/KS--2019-DP53>. [Acesso em 03 ago.2020]

Chen, Z; Chang, L. (2013) *The Power Strategy of Chinese Foreign Policy*. NFG Working Paper, 3, pp. 1-22.

Cohen, N. (2020) 'Why do Muslim states stay silent over China's abuse of the Uighurs?' *The Guardian*, 04 de julho. [Online] Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/jul/04/why-do-muslim-states-stay-silent-over-chinas-uighur-brutality>. [Acesso em 20 ago. 2020]

Commins, D. (2006) *The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*. New York: I.B. Taurus.

David, J. (2017) 'US-Saudi Arabia Seal Weapons Deal Worth Nearly \$110 Billion Immediately, \$350 Billion Over 10 Years'. *CNBC*, 20 de maio. [Online] Disponível em: <https://www.cnn.com/2017/05/20/us-saudi-arabia-seal-weapons-deal-worth-nearly-110-billion-as-trump-begins-visit.html>. [Acesso em 13 set. 2020]

De Souza, B. M.; Jardim, E. B. (2015) 'A política externa saudita durante a Primavera Árabe (2010-2014)'. *Revista Interação*, vol. 9, n. 9, p. 96-124. [Online]. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/21213/12806>. [Acesso em: 30 jul. 2021]

Direction of Trade Statistics (2020). [Online]. Disponível em: <https://data.imf.org/?sk=9D6028D4-F14A-464C-A2F2-59B2CD424B85>. [Acesso em 17 set. 2020]

England, A.; Sevastopulo, D. (2018) 'Saudi Arabia hits back at Trump's 'punishment' warning'. *Financial Times*, 14 de outubro. [Online]. Disponível em:

<<https://www.ft.com/content/d3eb2392-cfad-11e8-a9f2-7574db66bcd5>>. [Acesso em 17 set. 2020]

Espinosa, A. (2020) 'Arábia Saudita prende por corrupção trezentos funcionários'. *El País*, 16 de março. [Online]. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/internacional/2020-03-17/arabia-saudita-prende-por-corrupcao-trezentos-funcionarios.html>>. [Acesso em 05 out. 2020]

Fulton, J. (2020) 'Strangers to strategic partners: Thirty Years of Sino-Saudi Relations'. *Atlantic Council*, pp. 1-18 [Online]. Disponível em: <<https://www.atlanticcouncil.org/in-depth-research-reports/report/strangers-to-strategic-partners-thirty-years-of-sino-saudi-relations/>>. [Acesso em 17 set. 2020]

Ford, J. (2017) 'The Pivot to Asia Was Obama's Biggest Mistake'. *The Diplomat*, 21 de janeiro. [Online]. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2017/01/the-pivot-to-asia-was-obamas-biggest-mistake/>>. [Acesso em 30 set. 2020]

Gause, G. F. (2014) Beyond Sectarianism: The New Middle East Cold War. *Brookings Doha Center Analysis Paper*, vol. 1, n11, 2014.

Gastaldi, Fernanda C. 'Árabia Saudita e o Dilema de Graduação: política regional e relações Norte-Sul'. 7º Encontro nacional da ABRI, 2019.

Ghafar, A. A. (2017) Muhammed bin Salman and the push to establish a new Saudi political order. *Brookings*, 09 de novembro. [Online]. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/markaz/2017/11/09/muhammed-bin-salman-and-the-push-to-establish-a-new-saudi-political-order/>>. [Acesso em 30 jul. 2021]

Halliday, F. A. (2018) Curious and Close Liaison: Saudi Arabia's Relations with the United States. *Niblock TIM (Org)*. [Online]. Exeter: [s.n.]. p. 125-147.

House, K. E. (2012) *On Saudi Arabia: Its People, Past, Religion, Fault Lines – and Future*. Nova York: ALFRED A. KNOPE.

Hermann, C. F. (1990) When Governments Choose to Redirect Foreign Policy. *International Studies Quarterly*, 34(1), p. 3-21.

Jun, Z. (2020). *Statement by Ambassador Zhang Jun at the Security Council Briefing on Yemen*, 15 de outubro. [Online]. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/wjb_663304/zwjg_665342/zwbd_665378/t1824476.shtml>. [Acesso em 04 ago. 2021]

Karlin, M; Witess, T. C. (2019). 'America's Middle East Purgatory', *Foreign Affairs*, 98 (1) pp. 88-101. [Online]. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2018-12-11/americas-middle-east-purgatory>>. [Acesso em 15 set. 2020]

Krauss, C; Reed, S. (2020) 'Oil Prices Dive as Saudi Arabia Takes Aim at Russian Production'. *The New York Times*, 08 de março. [Online]. Disponível em:

<<https://www.foreignaffairs.com/articles/middle-east/2018-12-11/americas-middle-east-purgatory>>. [Acesso em 25 set. 2020]

Leães, R. (2015) Os Recursos Não-Convencionais e a Transformação da Oferta Mundial de Petróleo. *Indicadores Econômicos*, n. 2, p. 9-22.

Miller, A. D.; Sokolsky, R. (2017) 'Donald Trump Has Unleashed the Saudi Arabia We Always Wanted — and Feared'. *Foreign Policy*. [Online]. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2017/11/10/donald-trump-has-unleashed-the-saudi-arabia-we-always-wanted-and-feared/>>. [Acesso em 17 mar. 2021]

Saudi Arabia. (2016). *Saudi Vision 2030*. Riad.

Shuang, G. (2019) 'Foreign Ministry Spokesperson Geng Shuang's Regular Press Conference on December 25, 2019'. [Online]. Disponível em: <https://www.fmprc.gov.cn/mfa_eng/xwfw_665399/s2510_665401/t1727813.shtml>. [Acesso em 14 ago. 2020]

National Public Radio. (2011) 'How the Arab Spring Affects Saudi Society'. National Public Radio, 07 de junho. Disponível em: <<https://www.npr.org/2011/06/07/137036450/how-the-arab-spring-affects-saudi-society>>. [Acesso em 09 mar. 2021]

Olmo, G. (2020) 'Acordo entre Israel, Bahrein e Emirados Árabes: quais os feitos de Donald Trump no Oriente Médio'. *BBC*, 15 de setembro. [Online]. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54162987>>. [Acesso em 17 mar. 2021]

Ramani, S. (2016) 'China's Syria Agenda'. *The Diplomat*, 22 de setembro. [Online]. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2016/09/chinas-syria-agenda/>>. [Acesso em 04 ago. 2021]

Rieger, R. (2013). In Search of stability: Saudi Arabia and the Arab Uprising: national, regional and global responses. *Gulf Research Meeting*, pp. 1-21.

Robinson, K. (2021) 'What Is the Iran Nuclear Deal?' *Council on Foreign Relations*. [Online]. Disponível em: <<https://www.cfr.org/background/what-iran-nuclear-deal>>. [Acesso em 17 mar. 2021]

Robinson, Kali. 'Yemen's Tragedy: War, Stalemate, and Suffering'. *Council on Foreign Relations*, 2021. [Online]. Disponível em: <<https://www.cfr.org/background/yemen-crisis>>. [Acesso em 30 jul. 2021].

Social Progress Index, 2020. [Online]. Disponível em: <<https://www.socialprogress.org/>>. [Acesso em 05 out. 2020]

Steinberg, G. (2014) Leading the counter-revolution: Saudi Arabia and the Arab Spring. SWP Berlin, p. 1-27.

The Observatory of Economic Complexity, 2020. [Online]. Disponível em: <<https://oec.world/en>>. [Acesso em 09 mar. 2020]

U.S. Energy Information Administration (2020). 'China's crude oil imports surpassed 10 million barrels per day in 2019'. [Online] Disponível em: <<https://www.eia.gov/todayinenergy/detail.php?id=43216>>. [Acesso em 01 set. 2020]

U.S. Department of States, 2020. *U.S. Security Cooperation with Saudi Arabia*. [Online]. Disponível em: <<https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-saudi-arabia/>>. [Acesso em 25 set. 2020]

The White House. *Remarks By President Obama to the Australian Parliament*. [Online] Disponível em: <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2011/11/17/remarks-president-obama-australian-parliament>>. [Acesso em 13 ago. 2020]

Trading Economics, 2020. *Saudi Arabia Imports by Country*. [Online]. Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/saudi-arabia/imports-by-country>>. [Acesso em 15 set. 2020]

Trading Economics, 2020. *Saudi Arabia Exports by Country*. [Online] Disponível em: <<https://tradingeconomics.com/saudi-arabia/exports-by-country>>. [Acesso em: 15 set. 2020]

Visentini, P. (2014) *O grande Oriente Médio - Da descolonização à Primavera Árabe*. Rio de Janeiro, Campus Elsevier.